

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
Curso de Pós-graduação em Inclusão da Criança Especial no Sistema de
Ensino Regular

A estimulação precoce como meio preventivo na área escolar

Cristiana Mello Boblitz

Fortaleza/2003

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INCLUSÃO DA CRIANÇA
ESPECIAL NO SISTEMA DE ENSINO REGULAR - UFC

A estimulação precoce como meio preventivo na área escolar

Cristiana Mello Boblitz

Fortaleza
2003

FOLHA DE APROVAÇÃO

Esta monografia foi submetida como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista em Inclusão da Criança Especial no Sistema Regular de Ensino pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca Central da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que seja feita de conformidade com as normas da ética científica.

Cristiana Mello Boblitz

MONOGRAFIA APROVADA EM ___ / ___ / ___

Prof. Maristela Lage Alencar
Orientadora

Aos bebês da Casa de Criança
Escola Creche, que tanto me ensinaram e
ensinam todos os dias acerca do
desenvolvimento infantil.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo precípua focar os aspectos mais significativos de desenvolvimento da criança de 0 – 2 anos. Ao nascer, a criança traz em si as possibilidades de si tornar um ser com capacidade de amar e ser amado, de se expressar e se comunicar com o meio familiar e social, de refletir de forma lógica e significativa. Entretanto, a efetivação desse potencial somente se efetivará mediante a sua própria ação. Para tanto, necessário se faz possibilitar situações no dia-a-dia que favoreçam seu desenvolvimento. Por isso, é essencial o empenho dos pais e da escola em propiciar um ambiente rico em estímulos. Vale enfatizar que o brincar constitui uma excelente forma de exercitar o desenvolvimento da criança, haja vista ser uma das atividades propiciadoras da interação com o outro e com o mundo circundante.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1.APRENDIZADO NO PERÍODO PRÉ- NATAL.....	9
1.1 O bebê e a sua vida intra-uterina.....	9
1.2 O grande momento.....	10
1.3 Avaliação do recém-nascido.....	11
2. AS FASES DO DESENVOLVIMENTO (0 A 2 ANOS).....	12
2.1 Recém-nascido.....	12
2.2 Alguns reflexos dos recém-nascidos.....	14
2.3 Estágios do bebê.....	15
2.4 Etapas do desenvolvimento: mês após mês.....	18
2.5 Fatores do desenvolvimento intelectual.....	27
3. INFÂNCIA E FILOSOFIA.....	31
3.1 O conceito de infância.....	32
3.2 Interação social sobre as teorias de Piaget e Vygotsky.....	32
3.3 Desenvolvimento social e emocional do bebê.....	34
4. EDUCAÇÃO DESDE O BERÇO.....	37
4.1 O Papel da escola.....	38
5.ATIVIDADE LÚDICA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	40
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda o desenvolvimento da criança na faixa etária de 0 a 2 anos, bem como o processo de estimulação precoce recomendado para cada estágio. Segundo psicólogos e psicanalistas, nos primeiros anos de vida da criança, ocorrem as construções básicas para formação da sua personalidade. No primeiro ano de vida tem início a elaboração da sua identidade, ou seja, forma-se um registro primitivo de que a criança ao mesmo tempo faz parte da espécie humana e é um ser individualizado. A partir disso o sujeito poderá edificando novas estruturas e tornando um ser mais complexo. Ressaltamos que desde o início, este processo é mediado pela relação com o outro, com quem exerce a função materna.

Piaget (1976), grande estudioso do desenvolvimento humano investigou em seus estudos sobre o desempenho das crianças relativo há vários aspectos: motor, cognitivo, social e afetivo. Enfatizou a interação indivíduo x meio como mediadora do crescimento, a elaboração de uma compreensão sobre si e mundo, salientando que para atingir esse nível o sujeito vivencia diversos estágios. Assim posto, cada criança possui um potencial de desenvolvimento físico, mental e emocional. Esta evolução se dá de forma muito rápida. Constantemente este ser recebe estímulos e apresenta grande capacidade de reagir de diferentes formas a estimulação. À princípio, o bebê é movido por impulsos instintivos e inatos, denominados reflexos, que são respostas automáticas a estímulos específicos; considerados vitais para o desenvolvimento futuro.

Vale ressaltar que as crianças conseguem manter vivas suas experiências e necessitam de apoio, atenção e afeto por parte dos adultos. Ao ingressar na escola, inicia seus relacionamentos com outras pessoas, propiciando sua inserção na sociedade, mediante a interação social.

Nesse sentido a estimulação precoce é necessária para que se inicie o trabalho, antes mesmo que possíveis alterações neuropsicomotoras, como

alterações tônicas ou posturais se fixem. A criança nasce apta a se desenvolver, desde que sejam oportunizadas experiências necessárias para o aprendizado.

Desse modo, este trabalho pretende apresentar contribuições teóricas acerca do desenvolvimento infantil como também, o papel a ser desempenhado pela escola.

O primeiro capítulo, trata-se das fases do bebê ainda no útero. Engloba a preparação para o parto e avaliação do recém-nascido.

O Capítulo segundo, fundamenta os estágios do desenvolvimento cognitivo da criança, abrangendo as áreas psicomotora, da percepção, da memória, do raciocínio e das habilidades sócio-emocionais.

O capítulo terceiro, centra-se na diversidade da infância e interações sociais sobre as teorias de Piaget e Vygotsky. Apresenta também o desenvolvimento social e emocional do bebê.

O capítulo quarto, enfoca a importância da educação desde o nascimento e enfatiza o papel da escola e do professor.

O capítulo quinto, retrata a atividade lúdica como fator de desenvolvimento da criança e algumas brincadeiras essenciais para um bom desenvolvimento. Também enfatiza a importância da estimulação precoce quando for diagnosticada alterações no desenvolvimento neuropsicomotor.

1. APRENDIZADO NO PERÍODO PRÉ-NATAL

Falar sobre aprendizado parece ser cedo demais para um bebê que ainda vai nascer. O feto está sujeito a estímulos e, por incrível que pareça, reage a estes estímulos. A vida pré-natal da criança vem despertando cada vez mais o interesse dos cientistas. Sabe-se que o estado da criança não é influenciado apenas por fatores hereditários, pois depende também da disposição da mãe: seu bem ou mal-estar, aceitação do filho, qualidade de vida, alimentação e ingestão de medicamentos, dentre outros. Nas últimas décadas os pais mostram-se mais conscientes dos perigos que podem representar para o feto, o álcool, os narcóticos e as infecções.

O preparo físico da futura mãe e sua maneira de movimentar-se refletem diretamente sobre a criança.

1.1. O bebê e a sua vida intra-uterina

Segundo pesquisa realizada por Brazelton (1981), foram visualizados alguns fetos através de aparelhos de ultra-som, no qual se pode perceber se estavam dormindo ou acordados. Assim, foi possível identificar algumas fases:

*Sono profundo - O feto fica predominantemente quieto. Caso alguns movimentos sejam verificados, ocorrem em forma de livres contrações. Nesse estado, o feto não reage à maior parte dos estímulos.

*Sono leve - Predominam os movimentos de contração ou estiramento. Os movimentos são raros, mais suaves e um pouco mais organizados e também bastante insensível aos estímulos.

*Ativo-alerta - É percebido quando o feto sobe pela parede uterina. Esse estado se verifica em momentos previsíveis durante o dia, em geral quando a mãe está em

repouso ou cansada. Se o feto reagir a estímulos externos, a reação acontece em forma de uma diminuição de movimentos. Depois disso, retorna a intensa atividade. O movimento mais comum para a observação desse estado, ocorre no final do dia.

*Calmo-alerta - O feto está inativo , como se estivesse à escuta. Os movimentos são mais suaves e mais organizados. Nesse estado, os fetos são especialmente sensíveis aos estímulos externos.

Sabemos hoje que, desde a vida intra-uterina, o psiquismo do bebê se desenvolve recebendo influências do organismo e das reações psicológicas da mãe. Assim, um bebê que é desejado ou aceito e que passa por uma gestação tranqüila, tem mais chances de se desenvolver bem e de sentir-se feliz e completo quando adulto.

É desde esse momento que os familiares devem se conscientizar de que, durante a gestação, já existe um ser humano único em sua individualidade.

Os órgãos sensoriais do feto, especialmente sua audição, estão funcionando desde a 20ª semana de gestação. Por isso, é importante conversar com o bebê, ouvir músicas tranqüilas desde este período.

1.2. O Grande momento

O momento tão esperado finalmente chegou. A mãe, orientada pelo obstetra, procura o hospital. Geralmente, a equipe é composta por pediatra, anestesista, médico auxiliar e o próprio obstetra. Após o parto, é necessário e muito importante que o pediatra avalie a criança. A seguir, há considerações a respeito deste procedimento.

1.3. Avaliação do recém-nascido

A avaliação médica de um recém-nascido sempre foi um trabalho de rotina da equipe pediátrica. É feita uma primeira avaliação, conhecida como “ Apgar ”, que vai examiná-lo com base nos critérios de cor da pele, respiração, frequência, tono muscular e atividade. A atribuição de dois pontos para cada um desses cinco itens, se estiverem ótimos, ou de um ponto se estiverem bem, leva a um resultado total de no máximo dez pontos. Trata-se de uma avaliação da capacidade de o recém-nascido reagir aos esforços do trabalho de parto, do nascimento e no novo ambiente. Para uma avaliação mais detalhada do bebê, é feito um exame físico e comportamental nos primeiros dias que se seguem ao nascimento. Esta avaliação é realizada pelo pediatra, na qual o bebê é avaliado quanto à sua saúde física e às suas reações ao ser alimentado em termos gerais.

Através da escala de avaliação do comportamento neonatal, avalia-se também o repertório comportamental do bebê conforme ele responde aos estímulos. O modo como ele usa os estados de consciência para controlar as suas reações revela a sua capacidade de ajustamento ao novo ambiente. Brazelton desenvolveu uma escala que fornece uma base para o registro e a avaliação das reações e dos reflexos, numa interação de vinte a trinta minutos com o bebê. Esta avaliação é a atribuição de pontos que tem por base o melhor desempenho.

2. AS FASES DO DESENVOLVIMENTO (0 a 2 ANOS)

2.1. Recém-nascido

Os bebês não são todos iguais. Todo bebê recém-nascido é único. Existem tantas variações individuais nos padrões do recém-nascido quanto o próprio número de bebês. Cada recém-nascido varia em relação aos outros numa quantidade infinita de maneiras: na aparência, nos sentimentos, na reação a estímulos, na capacidade de desenvolvimento de seu próprio padrão individual.

Desde o primeiro dia de vida, o recém-nascido tenta repetidamente erguer a cabeça. Tão pequeno e já nos surpreende com sua intensa atividade motora e multiplicidade de movimento de que é capaz. Estende e dobra os dedos, joelhos... Agarra firmemente em bastão com os dedos, podendo até ser suspenso nesta posição. Desde a primeira hora de vida, a criança precisa ter contato íntimo com o adulto. Aprende mediante percepções diferenciadas. Após o nascimento, a criança deve ter oportunidade de desenvolver livremente seus movimentos nas horas em que está acordada. As primeiras horas e dias de vida são decisivos. Através de contato humano próximo, experimenta sensações táteis e dérmicas, que intensificam o sentimento de calor e proteção, especialmente quando tais contatos estão associados com movimentos rítmicos e tranquilizantes. Para o bebê, a sensação de estar dentro d'água é bastante agradável. O peso do corpo é aliviado, e o recém-nascido sente novamente a familiar sensação de flutuação.

Cada bebê recém-nascido está equipado com um potencial de desenvolvimento físico, mental e emocional. Ele está constantemente recebendo estímulos e indicando grande capacidade de reagir diferencialmente à estimulação. Ele responde de um modo positivo a um estímulo que lhe seja apropriado. Aperta os olhos e permanece com eles fechados depois de ser exposto a uma luz branca e brilhante, mas seu interesse será despertado por um objetivo vermelho ou amarelo suave que balance diante dele, olhando-o com expressão deliberada e absorta. Enquanto olha, seu rosto ilumina-se, seu corpo

sossega e os olhos rebrilham. Seguirá o objeto com a vista, virando até a cabeça quando ele se desloca lentamente de um lado para outro. Poderá até acompanhá-lo para cima e para baixo. Essa receptividade visual pode ser observada num bebê ainda na sala de parto, numa altura em que sabemos não ter ele tido qualquer experiência prévia com o uso da visão. Um recém-nascido responde a objetos visuais que estejam situados dentro de uma determinada faixa de valores sensoriais que, por seu turno, sejam apropriados a esse estágio particular do desenvolvimento.

A mesma diferenciação de respostas pode ser observada em sua audição. Como dissemos antes, um ruído forte ou uma série de ruídos assusta ou sobressalta o bebê. Depois, ele pode suprir a sua reação a mais sons fortes, de modo que parece quase não os ouvir. Ainda no berçário do hospital, um recém-nascido pode produzir e reproduzir sorrisos passageiros mediante o uso de ruídos moderados. Geralmente, o bebê manifesta uma calma e atenção ao ouvir uma voz macia e aguda do que de uma voz grave. Cada estímulo aumenta a experiência do novo bebê. O estímulo ativa um percurso de reações.

A importância para um recém-nascido das experiências táteis foi descrita por Lawrence Frank. Ele equiparou o tato a uma linguagem ou sistema de comunicação para bebês, e considerou que uma das principais razões para o desenvolvimento defeituoso em bebês institucionalizados é o manuseio infreqüente que eles recebem. Todos nós já experimentamos a incrível sensação de apaziguar um bebê agitado e choroso, com o simples ato de o apanharmos do berço e o pegarmos ao colo. Se faz bastante importante o aconchego da mãe, segurando-o com firmeza e transmitindo-lhe tranqüilidade e segurança nos momentos de desconforto do bebê, como por exemplo as cólicas, fase comum nos primeiros dias. Esta proteção passada da mãe para o filho dá a sensação para o bebê, semelhante aos momentos de proteção que viveu ainda na barriga desta. É surpreendente como o bebê capta cedo pistas de seu meio ambiente, que o levam a “querer” tornar-se parte dele.

O recém-nascido manifesta grande capacidade para reagir diferencialmente à estimulação. Ele responde de um modo positivo a um estímulo que lhe seja apropriado.

Desde o nascimento e durante a primeira semana de vida, o bebê é capaz de cheirar e saborear. Também tem condições de focalizar o olhar, embora melhor a partir de uma distância de 20 centímetros e com o objeto diretamente na frente de seu rosto. O bebê consegue observar brevemente fisionomias humanas e presta atenção à localização do som. Sabe discernir padrões, preferindo o contraste, contorno e linhas curvas do que formas geométricas. Consegue parar de reagir a estímulos irritantes depois de uma exposição prolongada. Isso ajuda o bebê a isolar-se de imagens e ruídos perturbadores.

2.2. Alguns reflexos dos recém-nascidos

Caminhar automaticamente – movimentos de caminhar com os pés quando sustentado em pé.

Babinski - articulações esticadas quando se estimula a planta do pé

Piscar - os olhos fecham-se apertados quando se golpeia suavemente o septo nasal.

Engatinhar - vira a cabeça para o lado, levanta-se com os braços, faz movimentos de engatinhar quando colocado de bruços.

Agarrar ou preensão - agarra firmemente um dedo colocado na palma de sua mão.

Moro- a cabeça inclina-se para trás, os braços abrem-se para os lados e os dedos estendem-se quando a criança é “solta” no ar por alguns centímetros e agarrada de novo.

Buscar- vira na direção do estímulo quando se acaricia o rosto.

Chupar ou Sucção- Começa a chupar quando se acariciam os lábios ou a região da boca.

2.3 Os Estágios do bebê

Para compreendermos melhor como funciona o desenvolvimento intelectual e poder imaginar como enriquecer a mente de um bebê, serão citados abaixo os estágios pelos quais o bebê passa até chegar aos 14 anos. Vale enfatizar que será abordado somente o primeiro estágio (sensório-motor – de 0 a 2 anos), visto que está incluso na propósito deste trabalho.

- **Inteligência sensório-motora – do nascimento até os 2 anos**
- Pensamento pré-operacional – de 2 até 7- 8 anos.
- Pensamento operacional concreto – de 7-8 até 12-14 anos.
- Pensamento operacional formal – a partir dos 14 anos.

O Período sensório-motor constitui uma maneira de conhecer restrita ao que estiver presente num momento, ou seja, conhecer por meio dos sentidos e da ação física. Nesta fase, o bebê fica preso apenas no aqui e agora. Não conseguindo formar palavras e imagens que representem os objetos e eventos reais, ele pode apenas entender no plano sensorial e motor. O período sensório-motor se divide em 6 estágios:

Primeiro Estágio

Os bebês do primeiro estágio (do nascimento aos primeiros meses) estão restritos ao uso das ações reflexas. Seu sistema de conhecimento está preso a essas maneiras, tais como agarrar, chupar, movimentar dos olhos, etc; as coisas passam a ser conhecidas apenas se despertarem essas ações reflexas.

Segundo Estágio

Os bebês do segundo estágio (de um a quatro meses) desenvolvem uma maneira de conhecer que é superior à maneira rígida e fragmentada de conhecimento dos bebês do primeiro estágio. Eles aprendem a coordenar uma ação reflexa com outras, criando padrões de ação mais organizados e elaborados. A capacidade de integrar e diferenciar as ações possibilita ao bebê construir uma maneira de fazer as coisas, formas de organizar e se adaptar à realidade. Deste modo, o bebê aumenta o seu aprendizado, começando a brincar e imitar. De início, neste estágio, as ações do bebê são produzidas sem intenção.

Terceiro Estágio

Nesse estágio, o bebê consegue mostrar mais habilidades, pois manipula os objetos ao seu redor. São bebês de quatro a oito meses que agora podem produzir qualquer resultado que causaram por acaso e acharam interessante. O bebê gosta de repetir o comportamento que acabou de aprender. Em resumo, o bebê do terceiro estágio tem uma grande capacidade de aprender maneiras de fazer as coisas.

Quarto Estágio

Após o rápido aprendizado do terceiro estágio, o bebê do quarto estágio (de oito a doze meses) está ocupado, consolidando seu aprendizado e aplicando-o a novas situações. Nesta fase, o bebê tem intenção de repetir as ações de que gosta. A criança começa a atingir o conceito de permanência dos objetos. No estágio anterior, o bebê só conseguia procurar visualmente um objeto desaparecido, mas agora começa a procurar com a mão e olhar aquele objeto que está debaixo da fralda, dentre outros.

Quinto Estágio

Agora o bebê está com doze a dezoito meses. Experimenta e resolve problemas, inicialmente por tentativa, mas depois com bastante eficiência. Com intenção, o bebê varia a sua ação para descobrir como as alterações nas ações podem modificar os resultados. Como está começando a desenvolver capacidade de representar objetos e acontecimentos por meio de imagens, palavras e ações, fica livre de um sistema de conhecimento que estava restrito ao que podia tocar, ver, ouvir, cheirar e saborear. Agora pode conhecer coisas mediante a elaboração dessas imagens.

Sexto Estágio

Este é o último estágio do sensório-motor (de dezoito a vinte e quatro meses). O sistema simbólico está tão bem desenvolvido que as crianças podem resolver problemas sem recorrer à tentativa do quinto estágio. O sexto estágio é um período de transição que, ao ser completado, lançará a criança no mundo do pensamento.

2.4.Etapas do desenvolvimento: mês após mês

O Primeiro mês

Nessa idade, ele movimentava pernas e braços, reage a ruídos com movimentos. As habilidades conquistadas, por sua vez, trazem novos estímulos ao organismo. Ele apresenta vários reflexos, movimentos automáticos e involuntários, como o reflexo do susto ou abraço. Um reflexo muito importante é o da sucção. Qualquer estímulo na boca faz o bebê sugar. Se algo tocar próximo à bochecha, outro reflexo entra em ação. Ele pode mover a cabeça para os lados e já enxerga cores brilhantes. Objetos coloridos prendem sua atenção. Ao ouvir

vozes, sons ou músicas conhecidas, interrompe o que estiver fazendo e fica prestando atenção.

Um bebê ao nascer nem sequer consegue sustentar a cabeça! Sua comunicação formal com o mundo ainda é restrita. Mas não deve ser subestimado, pois a cada dia os bebês estão se mostrando mais ativos e desenvolvidos.

Como estimular

Inicialmente, com o contato direto com a mãe, pois sua pele, seu peito são ricos estímulos que oferecem carinho. A amamentação acalma, alimenta o corpo e a alma do bebê. Conversar com o bebê, tocá-lo, acariciá-lo, sorrir, cantar e contar histórias são excelentes estímulos.

Móbiles coloridos (colocados em posição e distância adequados) ou brinquedos que toquem músicas de ninar são indicados.

Segundo mês

O bebê nessa idade já sorri e acompanha com os olhos as pessoas à sua volta. É capaz de erguer a cabeça quando está de bruços. Também emite ruídos guturais para chamar a atenção. Já começa a se interessar e interagir mais com o mundo a sua volta, embora ainda passe boa parte do tempo dormindo. Sua falta de coordenação ainda impede que pegue voluntariamente os objetos. Quando o faz, ocorre por meio de reflexo de preensão. Qualquer estímulo na palma da mão faz com que ela se feche fortemente.

Como estimular

Nesta fase, deve-se continuar conversando, com ele, tocando-o e acariciando-o. Os passeios curtos ao ar livre são cheios de excelentes estímulos de sons, cheiros e cores. É importante interagir com ele, dando-lhe atenção. O bebê aprende que, quando sorri, recebe mais atenção. Na hora do banho ou durante a troca de fraldas, o bebê vivencia momentos agradáveis, de tranquilidade e de brincadeiras.

Terceiro mês

Aos 3 meses, o bebê já começa a sustentar a cabeça quando colocado em posição vertical. Pode levantar parte do tórax durante alguns segundos, se estiver deitado de bruços.

Começa a controlar os braços e um pouco as mãos, que podem se abrir e fechar voluntariamente.

Inicia também a exploração de seu corpo, colocando as mãos na boca. O bebê já fixa a atenção por mais tempo nas coisas e pessoas que lhe interessam. Gosta de música e de dançar abraçado aos pais. Sua participação e

interação com o mundo já é bem maior: presta atenção a ruídos, acordando, arregalando os olhos ou parando de mamar ao ouvi-los.

Como estimular

A interação do bebê com as pessoas e coisas à sua volta é grande nessa idade. Gosta de observar tudo e já não aceita ficar deitado “ olhando para o teto”. Ele quer participar e acompanhar as “ conversas”. É importante variar o local onde o bebê fica, fazendo um rodízio entre berço, bebê-conforto, sala, quarto, dentre outros.

Quarto mês

Nesta etapa, mostra grande curiosidade. Brinquedos, sons, lugares, pessoas e novidades chamam sua atenção. Reconhece lugares e objetos do cotidiano e parece compreender os hábitos diários. Reage à visão do peito materno ou da mamadeira e já demonstra senso de humor. Gosta de olhar ao redor quando estimulado.

Como estimular

Estimule seu senso de humor, observe as coisas que o divertem e ria com ele, compartilhando das brincadeiras. Ofereça brinquedos de formas, tamanhos e texturas diferentes para que possa aprender com eles. Escolha alguns que façam ruídos.

Quinto mês

O bebê já consegue rolar, girando sobre si mesmo; ou seja, se colocando de barriga para baixo, vira de barriga para cima e vice-versa.

Quando de bruços, já sustenta bem a cabeça e o tórax durante algum tempo. Alcança e segura objetos e vai sempre colocá-los na boca. Ele pode ainda rir alto.

Como estimular

Para poder aprender e realizar novos movimentos, ele necessita de espaço. O bebê dessa idade que fica muito tempo no carrinho ou no colo, por exemplo, pode começar a atrasar o desenvolvimento. É hora de colocá-lo no chão sobre um acolchoado com brinquedos coloridos e sonoros por perto. Toda aquisição de novas habilidades pelo bebê deve ser devidamente festejada para que ele se sinta estimulado a conseguir novas vitórias.

Sexto mês

A partir dessa idade o crescimento é muito rápido. O bebê começa a ficar sentado sem apoio e voltar-se na direção dos sons. Demonstra timidez e

estranheza diante de desconhecidos. Mostra preferências por alguns alimentos, rejeitando os que não aprecia.

Como estimular

Brinque de deixar um objeto cair e em seguida devolva-o; brincadeiras de dar e tomar. Diga seu nome constantemente. Estimule sua atitude para provocar o movimento ou mudança dos objetos, demonstrando a relação causa efeito.

Sétimo mês

Aos 7 meses, consegue passar um objeto de uma para outra mão. Gosta de jogá-los no chão para que alguém o pegue. Começa a falar as primeiras sílabas (pa, ma, da) e a dar gritinhos. Assim, inicia as primeiras conversações. Tem consciência de que já faz vários ruídos conhecidos. Sabe como se chama, estende os braços para que o levistem e mostra independência quando quer se soltar. Começa a imitar atitudes simples e sabe quando algo vai se repetir.

Como estimular

Continuar sempre conversando com o bebê e chamando-o pelo nome. Mostre-lhe a sua imagem no espelho e diga seu nome para que tenha noção de si mesmo. Ele vai ousar mais para ir em busca dos brinquedos que estão ao seu redor, fazendo tentativas de deslocamento. Quando está de quatro, ao tentar se mover, muitas vezes vai para trás em vez de ir para frente. Mas se for dado um apoio para os pés, vai conseguir se deslocar arrastando-se para frente.

Oitavo mês

Nesta fase, o bebê fica de pé apoiado na borda dos móveis. Consegue sentar-se sozinho bem firme durante vários minutos. Começa a compreender o significado de algumas palavras, como, por exemplo, “não”. Aparecem os primeiros sinais de determinação como tentar aproximar o que está o seu alcance. Interessam-lhe muito as brincadeiras. Concentra-se profundamente em seus brinquedos e os busca quando caem. Também começa a querer deslocar-se. Balança-se para frente e para trás. Tem mais força nos quadris e nos joelhos e se entusiasma ao sentir seu peso, quando se coloca na postura de pé. Se apoiado pelos braços, ensaia os movimentos de andar. Quanto às suas habilidades manuais, seus movimentos são tão precisos que consegue rasgar papel e segurar

um objeto com a mão com firmeza. Com relação ao seu comportamento social, o bebê aprecia olhar para outras crianças e tenta tocá-los até conseguir. Quer participar das brincadeiras como “palmas palminhas”. Trata de se fazer entendido, com tosses, grunhidos, gritos, chiados ou faz bolhas de saliva para acompanhar expressões faciais e outros gestos da conversação (WHITE,1975; FERNADES,1987; FORTKAMP E RAUPP, 1989).

Como estimular

O adulto deve utilizar brinquedos com buraquinhos do tipo telefone, pois são bons para satisfazer sua curiosidade de explorar o mundo através dos dedos. Brinquedos de borracha, plástico ou madeira, desde que seguros, são indicados. Deixe-o brincar sozinho um tempo, alternando com períodos de brincadeira junto com adultos ou outras crianças. Faça-o brincar com água, Dê cubos, potes e copinhos para que os encha e esvazie. Afaste um brinquedo e aproxime quando ele pedir. Ensine brincadeiras com o corpo. Sente-se a pouca distância dele e estenda os braços. Prepare suas pernas para caminhar com brincadeiras em que o ponham de pé sobre seu colo, sobre a cama , no banho. Estimule seu gosto por fazer barulho; dê colheres, tampas ou um tambor de brinquedo. Ensine-o a pegar um cubo e colocar sobre outro. Pode construir torres de duas peças. Proporcione afeto físico. Estimule sua experiência tátil com muitas brincadeiras de tocar. Seu filho balbucia muito; copie seu resmungo, depois faça um som novo e espere que responda. Com isso ele aprende que som é comunicação. Estimule sua independência, deixando-o comer sozinho. Repita a palavra “não” com firmeza para que compreenda a negativa.

Nono mês

Agora o bebê engatinha com firmeza, ficando de quatro e movimentando braços e pernas coordenadamente. Engatinhar é um movimento difícil e ser capaz de fazê-lo prepara o bebê para suas próximas conquistas psicomotoras.

Como estimular

Agora, a criança precisa, mais do que nunca, de espaço. Necessita também de alguns objetos, próximos e distantes, para serem alcançados. Isto servirá como estímulo ao seu deslocamento.

Décimo primeiro e décimo segundo meses

Por volta de 11 meses, ele consegue movimentar-se apoiado nos móveis ou seguro pelas mãos. Já deve comer sozinho, mesmo que demore muito, usa as mãos e faz muita sujeira. Com 1 ano de vida, começa a andar sozinho, sem apoio. Pode dar adeus com a mão, bater palmas e falar umas duas ou três palavras. Gosta de balançar o corpo, dançando ao som de músicas conhecidas.

Como estimular

Procurar sempre dar estímulos e proporcionar e apontar objetivos para serem alcançados. Usar músicas, em variadas situações. Pode-se usar brinquedos de puxar e empurrar ou que fazem barulho. Brinquedos de encaixe podem atrair a atenção da criança durante um bom tempo.

Após 1 ano

Nesta idade, o bebê cobra muita atenção por parte dos adultos. E, quando não consegue, faz birra. É preciso ensinar limites, dizer não, com calma e paciência. É importante economizar as negativas; às vezes, melhor do que dizer “não” é desviar a atenção dela para outra atividade permitida.

Como estimular

É hora de incrementar os passeios ao ar livre, aproveitando para brincar com terra, água, areia, barro, massinha. Brincadeiras com caixas de papelão, com tampa, atraem a atenção da criança nessa idade, bem como o uso de instrumentos musicais.

Aos 15 meses

Nessa idade, a criança já corre. Joga objetos, gosta de folhear livros e ouvir histórias. Consegue ter melhor atenção e concentração durante as atividades propostas.

Como estimular

Utilizar livros, bonecos, quebra-cabeça, “esconde-esconde”, brinquedos desmontáveis, encaixes, triciclos, dentre outros.

Aos 18 meses

A criança nessa idade já anda pela casa toda, sobe escadas apoiado pela mão. Já fala algumas palavras e imita sons. Gosta de puxar e empurrar objetos. Interage com outras crianças, embora geralmente prefira brincar sozinha, pois tem dificuldade de dividir objetos.

Como estimular

É importante oferecer bonecos, estimular o reconhecimento das partes do corpo e manusear encaixes. Nesta idade a criança consegue ter, ainda mais, uma melhor atenção e concentração e por isso podemos explorar jogos, brincadeiras de esconde-esconde, pega-pega, dentre outras.

Aos 24 meses

A criança de 2 anos há muito pouco tempo deixou de ser um bebê, por isso ainda é imatura. Mas, nesse período, até chegar ao terceiro ano, ela vai passar por transformações comportamentais que representam grandes mudanças em seu desenvolvimento. Como exemplo, podemos citar sua postura no ato de correr. Sua atividade motora é violenta, gosta de correr, pular, arrastar, puxar e empurrar. Sua coordenação motora fina está cada vez mais apurada, demonstrando habilidade de pegar objetos só com uma mão, mudando com facilidade para outra. Nesta idade, a criança mantém fortes ligações afetivas com a mãe, com o pai e com outras pessoas importantes para ela.

Como estimular

Nesta idade, geralmente a criança inicia o período escolar. Brincadeiras de encaixes são bem interessantes para esta faixa etária. Atividades com argila ou

massa de modelar são também apropriadas. Faz-se igualmente importante estimular o amassar, rasgar papéis e folhear livros ou revistas. O grafismo é uma boa opção, pois a criança faz suas garatujas e comenta sobre seu desenho, sendo excelente para instigar sua criatividade. Através da brincadeira de faz de conta, a criança pode aprender muita coisa sobre o comportamento social.

OBSERVAÇÃO: cada criança apresenta seu ritmo de desenvolvimento. Desta forma, não podemos ficar presos a estas referências, pois, dependendo do estímulo que for oferecido, a criança poderá se desenvolver mais rápido, como também, se for privada de um ambiente rico em estímulos, possivelmente terá um ritmo mais lento de aprendizagem.

2.5.Fatores de desenvolvimento intelectual

Segundo Piaget, existem quatro fatores determinantes do desenvolvimento da mente. São eles: amadurecimento, experiência física, transmissão social e equilíbrio ou auto-regulação. A seguir serão abordadas algumas considerações acerca destas etapas.

Amadurecimento

O processo de amadurecimento de cada bebê estabelece certos limites no papel exercido pelo ambiente. Se o cérebro de uma criança nasce danificado, por exemplo, o estímulo ambiental poderá fortalecer o crescimento e desenvolvimento da criança no entanto a gradação irá subordinar-se à intensidade do dano. De fato, o amadurecimento é um elemento importante no crescimento do intelecto e

funciona em conjunto com a experiência. Vale ressaltar que os bebês nascem equipados com certas capacidades: agarram objetos, chupam, piscam, assustam-se quando caem, resmungam, dentre outros comportamentos. Essas capacidades

são congênitas, não exigindo treino ou educação. A hereditariedade oferece as sementes dessas capacidades, que se desenvolvem à medida que o sistema nervoso amadurece.

As experiências e as oportunidades de exercitar essas habilidades permitem que o bebê as aperfeiçoe. Sabemos, também, que o meio onde a criança está inserida exerce um papel fundamental(LISEHOTT,1994).

Experiência Física

A experiência física, no contexto do desenvolvimento intelectual, refere-se à integração de uma pessoa com qualquer aspecto do ambiente físico. Um bebê empurrando uma bola, sacudindo o chocalho, puxando um brinquedo ou jogando um objeto no chão, está descobrindo as características físicas desses objetos, como, também, está interagindo com os outros. Essas experiências são fundamentais para o desenvolvimento de uma criança, pois estimulam o interesse, a criatividade, a atenção e a concentração. O bebê constrói um conhecimento científico, bem como lógico-matemático.

Durante os dois primeiros anos, se faz necessário que a criança tenha bastante contato com vários objetos. As experiências devem ser encorajadas e aos poucos seu crescimento será observado.

Transmissão Social

A experiência física explica muito do que conhecemos e como viemos a conhecer. O conhecimento transmitido socialmente vem das pessoas. É transmitido pelas pessoas à sua volta. O bebê interage com adultos ou crianças. Ele observa alguns movimentos que lhe são ensinados, como: dar adeus, bater palmas, dentre outros. Enquanto um bebê interage com as pessoas, um conhecimento das convenções está sendo construído, que abrange a moral

cultural, os valores, as negações, o folclore, a música e mesmo as rimas da cultura dos bebês. Pelos canais da cultura (arte, música, linguagem e educação), as crianças assimilam bastante conhecimento, que forma para eles um alicerce para sua própria cultura.

Auto-regulação

O conceito de auto-regulação, supõe que a criança quando capaz de auto-regular sua atividade é mais autônoma que aquela que não sabe fazê-lo e depende dos demais.

No texto são tratadas as situações freqüentes do dia-a-dia da criança, sendo enfatizada a sua autonomia, sua capacidade de pensar, eleger, decidir, como objetivos dos primeiros níveis educativos. Na realidade, os pais, a equipe técnica e professores, sabem onde estão as coisas, quem informa o que se vai fazer, quem organiza um espaço, quem avalia se o trabalho está sendo bem ou mal, quem em cada momento dá respostas às perguntas e quem valoriza e impõe limites.

Naturalmente, não se trata que uma criança desta idade possa ser completamente autônoma. Se trata, pois, de transferir uma parte do controle externo à própria criança de forma gradual.

Assim posto, o desenvolvimento infantil tem uma direção específica – rumo a melhores maneiras de se ajustar ao mundo do conhecimento. Em outras palavras, assim como a criança se move de engatinhar para andar e para correr, as maneiras de conhecer se movem de aprender, ou “aprender a aprender”, do simples para o complexo; do ato físico para a imagem mental, para o símbolo; do aqui e agora para o passado ou o futuro; do correto para o abstrato. Piaget demonstrou que esse movimento se direciona para o pensamento cada vez mais à maneira do adulto.

A equilibração é dinâmica, um contínuo ajuste mental num esforço de atingir o meio entre o que o bebê já sabe e o que está tentando entender. Podemos considerar que a equilibração é uma força hereditária dentro do bebê que monitora constantemente a atividade para evitar confusão com cada pedacinho de conhecimento que surge.

Os bebês nascem com uma força interna que os move na direção de adaptações intelectuais cada vez mais elevadas. Assim como um termostato regula o calor no aquecimento central de uma casa, o regulador de um bebê ajusta o que já é conhecido com o que é encontrado como nova experiência.

A equilibração é um processo de auto-regulação que motiva a pessoa a fazer com que uma experiência tenha sentido, continuar correlacionando o novo com o velho, até que se veja a distinção e se possa construir uma categoria de conhecimento. A equilibração é um importante fator para entender e facilitar o desenvolvimento intelectual do bebê, assim como são indispensáveis os componentes (amadurecimento, experiência física e transmissão social).

3. INFÂNCIA E FILOSOFIA

Nos últimos tempos, a infância passou a ter mais importância para os filósofos. Assim, passaram a dar provas de mais atenção com a problemática da relação adulto-criança, visto que “adulto” e criança são termos que se referem um ao outro e, portanto, toda filosofia da infância implica ser também uma filosofia do adulto. A infância ocupa uma zona da memória adulta remota, para a maioria de nós. Sabemos que as crianças vivem uma diferente relação com o mundo e que esta hipótese pode ser só parcialmente traduzida na compreensão dos adultos.

As crianças conseguem manter vivas suas experiências do cotidiano e o adulto revela uma perda imensa na passagem da infância à idade adulta. Perdemos nossa capacidade de sonhar e de sentir intensamente o mundo.

Nos tempos de hoje, não é nada fácil ser criança. Em algumas camadas sociais, as crianças são bem-vindas, mas não têm mais a oportunidade de brincar com liberdade (nas casas dos vizinhos, nas ruas e bairros próximos). Nas classes desprivilegiadas, as crianças sofrem maus-tratos, exploração sexual e muitas vezes têm que conseguir dinheiro para sustentar a si próprio e familiares. Eis a problemática do desemprego, da economia, da cultura do nosso povo, enfim a política do País. Infelizmente, diariamente muitas crianças morrem de fome, frio, abandono e tristeza. Como entender tanta desigualdade e o que podemos fazer para mudar esta realidade?

Segundo Matthew Lipman, “As crianças não devem ser encorajadas a pensar filosoficamente, ainda que sejam capazes de fazê-lo, pois esse encorajamento priva-os da sua infância”(1999, pág.39).

A filosofia da infância tende a cair dentro de duas esferas de raciocínio. A primeira é sobre o que os adultos podem saber sobre as crianças e a experiência infantil. A segunda é se as crianças conhecem de fato o mundo de maneira diferente – se o conhecimento das crianças não é apenas uma versão medíocre, mais superficial ou rudimentar, diferente daquela dos adultos; o que elas podem nos dizer?. Vale ressaltar que qualquer investigação filosófica sobre a infância é

também necessariamente uma investigação sobre a vida adulta. Acredita-se que o adulto que entende a criança consegue compreender-se melhor. Adultos que aprendem a identificar e prover as necessidades das crianças com maior sensibilidade aprendem a fazer o mesmo também uns pelos outros.

3.1. O conceito de infância

O conceito de infância utilizado hoje pela Pedagogia define a criança como um ser abstrato e universal. A infância é pensada como um tempo à parte na vida do homem, época da vida em que ele guarda sua inocência original. A educação parece como a possibilidade de transformar esse ser, moldando-o de acordo com os princípios da sociedade da qual participará.

A partir de Rousseau, a infância ganhou em valorização e reconhecimento como uma época peculiar da vida do homem, mas, ao mesmo tempo, a criança era ainda vista como um “recipiente”, como alguém incapaz de conviver socialmente por não ser dotada de raciocínio e, portanto, de julgamento de suas ações e das ações dos outros.

O pensamento de Rousseau é de que a idéia de infância é como um tempo à parte, preservado e resguardado das influências sociais.

3.2. Interação Social sobre as teorias de Piaget e Vygotsky

Ao considerar a educação infantil como algo mais do que um período de desenvolvimento das capacidades da criança, de preparação para o futuro, buscamos essa criança como participante do meio em que vive, de forma ativa e interativa, alguém que recebe e produz cultura.

Com isso se faz necessário esclarecer as teorias psicológicas do desenvolvimento infantil que influenciam a Pedagogia. É de fundamental importância a interação da criança com o meio social e cultural.

O que é interação social?. Quando se fala neste conceito, procura-se identificar as influências do meio sobre o desenvolvimento e o comportamento e vice-versa. Este conceito é essencial, pois ele representa um dos mecanismos de ação do desenvolvimento e também se refere ao comportamento infantil no que esse comportamento expressa as relações entre o mundo interno e o mundo externo do indivíduo.

Realizando uma abordagem das teorias de Piaget e Vygotsky, podemos elucidar duas abordagens acerca do desenvolvimento das capacidades de aquisição de conhecimento que consideram o sujeito como ativo nesse processo e que têm no conceito de interação um dos pontos centrais para compreensão deste conceito.

Segundo a visão de Piaget, a criança estabelece interações com o meio físico, com os objetos do meio físico, não importando, primordialmente, as características desse meio. Piaget também acredita que as interações são importantes porque contribuem para o desenvolvimento do pensamento. Deste modo, o meio físico é também considerado desafiador, além de proporcionar mudanças e transformações.

Para Vygotsky (1979), a criança estabelece interações com um meio sempre definido com base nas características sociais e culturais. O meio cultural é, para Vygotsky, o mediador do processo de desenvolvimento, ou seja, é o lugar onde as ações do sujeito social encontram sentido e significado.

Comparando as duas abordagens, podemos diferenciá-las da seguinte forma: Para Piaget, o que é levado em consideração é a construção do conhecimento científico; para Vygotsky, a ênfase é dada pela construção do conhecimento social. Vygotsky identifica como as crianças são concebidas como sujeitos sociais, ou seja, constroem o conhecimento socialmente produzido. Para Piaget, a criança é vista como sujeito epistêmico, sujeito da cognição.

Segundo Piaget (1952), as interações sociais são de grande repercussão para a Pedagogia e Psicologia. Ele as define como interacionista-construtivista, que têm como objetivo compreender como acontece o desenvolvimento das

capacidades cognitivas da criança. Através de observações, conversas e testes elaborados por Piaget, é estabelecida uma hierarquia nesse processo, sistematizada pelas etapas ou fases do desenvolvimento. Com os estudos sociológicos, ele se aprofundou no desenvolvimento das capacidades cognitivas da criança. Também situou as influências e as determinações das interações sociais sobre o desenvolvimento da inteligência.

Piaget (1952) define dois tipos de interação social: a coação e a cooperação, como também a forma de como influem elas no desenvolvimento da inteligência. A coação representa um tipo de interação que corresponde a um baixo nível de socialização. As interações sociais que acontecem por meio de relações do tipo cooperativo mostram-se como aquelas que vão promover o desenvolvimento da inteligência. A cooperação é o tipo de relação interindividual que representa o mais alto nível de socialização. Piaget também define como a forma de interação social permite estabelecer trocas, que seria capaz de trazer ao indivíduo novas aquisições, ou melhor, novas idéias e não apenas uma atitude receptiva.

A Teoria de Vygotsky (1979) situa nas interações sociais o mecanismo pelo qual o indivíduo constrói o conhecimento. Um dos pressupostos básicos da sua teoria é considerar a cultura como parte da natureza humana. O ser humano constitui-se na relação com o outro, um outro que compartilha do mesmo contexto e, por isso, transmite os significados daquele meio em que se encontra. O outro é, dessa forma, sempre um outro social.

As abordagens de Piaget e Vygotsky, na verdade, não se apresentam como dois sistemas teóricos que se opõem. Percebemos que se trata de duas concepções distintas partidas de pressupostos epistemológicos diferentes.

3.3. Desenvolvimento social e emocional do bebê

Há dois sistemas psicológicos importantes que se desenvolvem nos esquemas perceptuais e respostas condicionadas. Um terceiro sistema envolve

reações emocionais e os comportamentos associados a elas. As emoções são importantes porque acrescentam saliência perceptual à experiência.

Os neurologistas descobriram que esses três sistemas têm paralelos na estrutura córtex-motora; o cerebelo e os gânglios basais são extremamente importantes para o início e o controle das ações.

As ações das crianças, o conhecimento e as emoções influenciam suas primeiras interações sociais, principalmente com pais e outros adultos importantes.

A palavra emoção se refere à consciência de uma mudança específica no tônus emocional interno, geralmente acompanhada por um conjunto de pensamentos. Isso pode acontecer acompanhado de um aumento dos batimentos cardíacos ou por um susto ou medo. Também pode acontecer pelo aumento da tensão nos músculos; outro motivo poderia ser por vergonha.

Os bebês novos, com idade menor que 1 ano, têm uma consciência limitada de seus sentimentos e um conjunto de pensamentos reduzido sobre acontecimentos externos e alterações orgânicas.

Durante os primeiros 3 ou 4 meses, os bebês mostram muitas reações que sugerem estados emocionais. Uma delas consiste em parada de atividade motora e desaceleração dos batimentos cardíacos como resposta a um evento inesperado. Um segundo conjunto de mudanças é caracterizado pelo aumento na movimentação, fechar os olhos, aumento dos batimentos cardíacos e choro. Essas mudanças ocorrem motivadas por frio, dor e fome. Um terceiro conjunto inclui diminuição no tônus muscular e o fechar dos olhos depois da alimentação, que pode ser chamado “relaxamento após a gratificação”. Um quarto padrão inclui aumento da movimentação dos membros, de sorrisos e balbucios, quando ocorre ou uma interação social ou um evento familiar.

Durante o período aproximadamente de 7 a 12 meses, os bebês desenvolvem novos medos, possivelmente em razão do aprimoramento da memória de recordação e da memória ativa ocorrente nesse período.

O medo tem mais probabilidade de ocorrer se um evento for imprevisível do que se este evento já for esperado. Um dos medos mais comuns no final do primeiro ano é a ansiedade na presença de estranhos. Um bebê de 8 meses mostra ansiedade, franzindo a testa quando um estranho se aproxima. Uma explicação desse medo baseia-se na hipótese de que os bebês comparam os esquemas para rostos de pessoas conhecidas com sua percepção do estranho. Outro medo que acontece com os bebês é o medo da separação que efetua-se de forma temporária da pessoa que cuida do bebê; quando, por exemplo, o bebê é deixado num ambiente desconhecido ou na presença de uma pessoa estranha. É menos comum se a criança for deixada em casa ou com um parente. A intensidade da angústia da criança com a separação temporária pode depender em parte da qualidade do relacionamento emocional com a pessoa que cuida dela. A primeira vez que a ansiedade da separação manifesta-se, entretanto, parece estar relacionada com o surgimento da capacidade de recuperação do passado, de comparar o presente e o passado, e de prever eventos que poderiam ocorrer no futuro imediato.

A angústia de separação retrocede depois de 2 anos de idade, porque a criança mais velha é capaz de entender o evento ou prever a volta da mãe. As experiências da criança durante o segundo ano são a fonte do conhecimento que lhe possibilita resolver o problema que, a princípio, gerou ansiedade.

“ As crianças se comunicam conosco através dos seus olhos, tom de suas vozes, posturas de seus corpos, seus gestos, seus maneirismos, seus sorrisos, seus pulos para cima e para baixo, sua desatenção. Elas nos mostram, através da maneira pela qual fazem as coisas, assim como através daquilo que fazem, o que está acontecendo dentre delas. Quando chegamos a ver o comportamento das crianças através do significado que as coisas têm para elas, de dentro para fora, estaremos no caminho certo para compreendê-las. (COHEN & STERN, com BALABAN,1983, p.5)”.

4. EDUCAÇÃO DESDE O BERÇO

A evolução da criança em seus primeiros anos de vida é muito rápida , tanto com relação ao aspecto físico, como também quanto aos aspectos cognitivo, sensorial, sócio emocional e a comunicação oral.

O objetivo da educação pré-escolar é o desenvolvimento global e harmônico da criança. Assim inclui todos os aspectos da pessoa humana, como: o corpo, a mente, a afetividade, a consciência moral, a integração social. É importante registrar que todos esses aspectos devem se desenvolver de forma equilibrada e paralelamente.

O início da escolaridade vem acontecendo cada vez mais cedo. As mães estão a cada dia buscando mais independência e por isso precisam trabalhar. Em geral, as mães não querem abrir mão de uma boa educação para seus filhos e assim saem em busca de um espaço confortável, adaptado às necessidades dos filhos e que tenham profissionais qualificados. Procuram um berçário e/ou uma escola - creche. Observamos que estão mais exigentes e que não querem economizar para que tenham um serviço de qualidade. Vale ressaltar que estas observações são de famílias de classe média-alta, pois infelizmente a maioria das famílias brasileiras não possui uma renda justa que possibilite uma educação numa escola particular ou que tenha acesso a uma escola pública que atenda sua clientela com um serviço de qualidade.

E o que realmente esperam desse lugar tão maravilhoso? Esperam que seu filho se desenvolva e que seja estimulado quanto às suas potencialidades. Acreditam num crescimento do corpo, da inteligência, e que este filho saiba administrar seus sentimentos e que desde pequeno mostre-se um ser crítico e consciente. Sentem a necessidade de formar um indivíduo que tenha liberdade, tenha iniciativa para resolver seus conflitos e que lutem por uma vida melhor.

Os sentimentos, a consciência e tantos outros aspectos que compõem a personalidade humana também vão se formando aos poucos. É preciso que haja

uma parceria entre escola e família, principalmente da família, pois ambas precisam caminhar juntas. Às vezes, os pais cometem um grande erro, achando que por seu filho freqüentar uma escola, é suficiente para ser educado. Os exemplos do professor, dos pais, avós, tios, babá, são essenciais para a criança, pois desde pequeno somos responsáveis por plantar sementes neste pequenino ser, que são os valores: amor, amizade, solidariedade, respeito, justiça, dentre outros.

Segundo o Ministério da Educação, tanto na área da biologia como na psicologia revela-se que a idade pré-escolar é importante para o desenvolvimento físico (crescimento do corpo e formação dos órgãos, principalmente do cérebro) quanto mental, social e afetivo. Assim, a educação precisa se preocupar bastante com as crianças na idade pré-escolar. Os psicólogos afirmam que essa fase é uma das mais decisivas para a formação da personalidade humana, conseqüentemente, da inteligência, da afetividade, da socialização, da autonomia, da capacidade de criação e decisão.

A escola ou creche precisa estar preparada para acolher as crianças, principalmente aquelas instituições que recebem crianças tão pequenas (bebês a partir de 4 meses), como também crianças especiais. A seguir são delineados aspectos importantes necessário para uma escola atender bem a sua clientela.

4.1. O papel do educador na escola

É necessário a presença de um educador que:

- Seja conhecedor das características da evolução infantil;
- Saiba que cada criança tem características individuais únicas;
- Conheça as atividades indicadas para cada faixa etária;
- Deve ser capaz de perceber as dificuldades de uma criança e descobrir como ajudá-lo;
- Reconhece e valoriza as conquistas das crianças;

- Saiba que são de sua responsabilidade as atitudes negativas que seus alunos vierem assumir com relação à escola e ao ensino;
- Conheça as diferentes metodologias usadas em educação pré-escolar, suas vantagens e desvantagens;
- Procure atualizar-se através de leituras, cursos, ou mesmo troca de experiências;
- Reconheça os principais sintomas das doenças infantis;
- Seja capaz de socorrer um acidentando em casos de emergência;
- Seja capaz de perceber as crianças com deficiências de fala, visão, audição ou psicomotricidade que devem ser encaminhadas a tratamento especializado, bem como receberem uma boa assistência da educadora;
- Saiba quais são os alimentos mais adequados para um bom desenvolvimento;
- Ouça atentamente as perguntas e estimulá-las a encontrar as respostas;
- Promova a integração entre turma;
- Estimule as crianças para que conversem livremente com você e com os colegas;
- Permita livre exploração do material;
- Estimule descobertas antes de prestar informações;
- Ofereça experiências ricas, variadas e interessantes que permitam o desenvolvimento infantil;
- Seja claro e honesto com os alunos;
- Envolver-se nas atividades pedagógicas e recreativas;
- Mantenha o ambiente organizado e planeje as atividades com certa antecedência;
- O educador deve ter uma boa relação com o serviço de coordenação pedagógica, direção e demais funcionários da escola;
- Seja criativo e expressivo;
- Desenvolva atividades rítmicas e musicais;
- Goste de leitura e de contar histórias para as crianças;

- Forme os hábitos de ordem, higiene e autodisciplina, bem como favoreça autonomia das crianças.

5. ATIVIDADE LÚDICA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Crianças bem pequenas são vistas como seres passivos e dependentes, por apresentarem aparência frágil. Geralmente despertam nos adultos um sentimento de proteção; entretanto, estudos e pesquisas têm mostrado uma nova visão de criança, que permite compreender seu desenvolvimento e a forma como ela constrói seu conhecimento, entendendo-a como um sujeito que, desde o nascimento, está em um âmbito social e dele participa ativamente. Estas contribuições são importantes na medida em que fornecem subsídios para organizar atividades compatíveis com cada etapa evolutiva da criança, mostrando o que ela é capaz de aprender e produzir a cada momento. Os estudos revelam também que as atividades lúdicas são ferramentas indispensáveis no desenvolvimento infantil, porque, para a criança, não há atividade mais completa do que brincar.

As atividades lúdicas são de fundamental importância para um bom desenvolvimento global das crianças. É por meio da brincadeira que elas aprendem as características das coisas que as cercam: como são, o que acontece quando caem ou se movimentam de determinada maneira, o modo de a pessoa controlar o corpo para manipulá-las e a maneira de interagir com elas. Segundo McCourt (2000,p.156), “Os bebês possuem o instinto de explorar e aprender”. Pela brincadeira, ela é introduzida no meio sociocultural do adulto.

A trajetória infantil não pode ser pensada somente pela óptica da razão, pois, é importante ver na atividade lúdica da criança o tipo de atividade criadora necessária para a expressão da personalidade e a evolução da imagem do corpo. “Permitir brincar às crianças é uma tarefa essencial do educador”(Le Boulch – 1982,p.139). Brincar é uma forma fundamental de confrontação entre os indivíduos e o mundo”(Hetzer, 1968, pág 43). O brincar, como uma das formas de

estimulação precoce, deverá ser especialmente cuidado em virtude das suas múltiplas qualidades. Pode-se chamar atenção da criança com brincadeiras simples de esconde-esconde, pega-pega, bater palmas, cantar, dentre outras. O sentido da brincadeira constitui uma forma de interação e não uma atividade sem propostas efetivas.

A escolha dos brinquedos merece uma atenção especial. “Cada brinquedo que damos a uma criança é uma sugestão de aprendizagem”(Hetzer 1971, pág. 18). Por isso os objetos para brincar devem corresponder à idade mental da criança. As cores devem ser definidas e brilhantes, para que a criança tenha o desejo de explorá-los.

De acordo com Fonseca (1995), é preciso refletir sobre o processo ensino-aprendizagem, ou seja, sobre as verdadeiras características da criança. Através de atividades lúdicas e descontraídas, é possível detectar suas dificuldades e assim elaborar um plano de atividades que atendam às necessidades desta criança, que deve ser estimulada sob os diversos aspectos socio-emocional e psicomotor.

CONCLUSÃO

Nos últimos tempos (década de 1970), tem sido abordada a questão da estimulação do desenvolvimento infantil. Com evidente exagero, coloca-se a “necessidade” de estimular a criança desde pequena, para torná-la uma supercampeã.

É verdade que os bebês necessitam de estímulos para se desenvolverem, porém devem ser efetuados de forma natural, mediante um relacionamento normal de amor e carinho que deve existir entre pais e filhos. Quando colocados em creche, o atendimento deve ser o mais próximo. Essa preparação deve ser para que o futuro adulto aprenda a conviver na sociedade, respeitando os demais e não competindo com os outros.

Vale ressaltar que a criança que se desenvolve, adquire novas habilidades e passa a cada dia a realizar tarefas mais complexas, abrangendo aqui as dimensões psicológica, neurológica e motora. Embora o desenvolvimento tenha características, fases e etapas bem definidas, ele se faz de forma totalmente individual. Cada criança tem o seu ritmo, influenciado por fatores hereditários e ambientais. Logo, cada bebê é um indivíduo único com uma personalidade única, que vai reagir aos estímulos do meio ambiente de forma totalmente pessoal.

Nas escolas privadas que trabalham com educação infantil, os profissionais realizam um trabalho educativo e, muitas vezes preventivo. Apesar de disporem de uma equipe constituída por pedagogos, psicólogo , terapeuta ocupacional ou fonoaudiólogo e psicomotricista.

Urge referir, que a estimulação precoce é necessária antes de que possíveis alterações neuropsicomotoras: alterações tônicas ou posturais. A criança nasce apta a se desenvolver, basta que se oportunize as experiências necessárias para o aprendizado e conseqüentemente o seu desenvolvimento.

Uma criança jamais poderá aprender determinados padrões de ação ou postura, sem antes adquirir maturidade do Sistema Nervoso - SN para tal. Os

terapeutas habilitados para realizar esse tratamento deverão conhecer profundamente e respeitar o desenvolvimento normal.

Antes mesmo de uma criança vir ao mundo, os pais devem se programar para assistir de forma adequada o seu filho. Desde muito cedo, a criança recebe estímulos e assim cada vez mais se mostra participativa no meio em que está inserida. É essencial para uma criança poder viver num lar acolhedor, que seja cercado de paz, atenção e afeto. As etapas a serem seguidas são enumeradas, porém, também se faz necessário que este ambiente seja de forma estimulador e que de ensejo a descobertas acerca do mundo ao seu redor. Cada etapa a ser seguida deve ser vivenciada de forma lúdica e prazerosa. Vale ressaltar que a família é o principal responsável pela educação do seu filho.

A escola também exerce um papel fundamental para o crescimento de uma criança. Precisamos ser criteriosos para escolher o tipo de escola que queremos para os nossos filhos; investigar sobre a metodologia, formação dos professores, ter acesso ao serviço de coordenação e direção. Acreditamos que os primeiros anos de vida são essenciais para a formação de um indivíduo seguro, equilibrado e decidido. Deste modo, a parceria entre família e escola deve sempre existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAZELTON, T. B. *Bebês e mães*.- tradução [de] Álvaro Cabral.- Rio de Janeiro: Campus,1981.

BRAZELTON, T. Berry, *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil* (tradução Jefferson Luiz Camargo); São Paulo: Martins Fontes, 1994.

COHEN, D. & STERN, V., with BALABAN, N. Observing and recording the behavior of young children;ed. New York. Teachers College Press,1983.

Walter Omar KOHAN, David Kennedy (organizadores). – Filosofia e infância: Possibilidades de um encontro/ Petrópolis, RJ:Vozes,1999.

FONSECA, Vítor da; Introdução às dificuldades de aprendizagem/ Artes Médicas, Porto Alegre, 1995.

HEINZ BACH; *Programas de educação precoce*- Editora Moraes- Lisboa,1983.

JACOB, S. H. Dr.; *Estimulando a mente do seu bebê*.- tradução Noberto de Paula Lima. Editora Madras- São Paulo,2002.

LE BOULCH; *O desenvolvimento psicomotor*- tradução. Por Ana Guardiola Brizolara. Editora Artes Médicas – Porto Alegre, 1982.

LIPMAN, Mathew, Artigo: O estilo filosófico das crianças, Filadelfia,1988.

LISELOTT Diem; *Os primeiros anos são decisivos* - tradução [de] Maria Madalena Wurth Teixeira - Rio de Janeiro- Tecnoprint Ltda -Brasil,1980.

McCOURT, Lisa – *101 Maneiras de criar um bebê feliz*/ Lisa McCourt; Tradução Patrícia Carla Rodrigues, Carla Davini Fortino. – São Paulo: Mandarim,2000.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA; *Atendimento ao pré-escolar*, vol.1. Brasília,1977

PIAGET, Jean e Inhelder, B.- *A Psicologia da criança*. São paulo,1976.

PUPO FILHO, Dr. Ruy; *Manual do Bebê: Cuidados e carinhos que valem pela vida inteira*/ Ruy do Amaral Pupo Filho. São Paulo: Alegro,2002.

VYGOSTKY, Levs. – *Pensamento e Linguagem*, Martins Fontes, São Paulo, 1993.